

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Maio de 1993



Fidelidade, uma Bênção e um Privilégio

NESTE NÚMERO

2 Evangelismo 1993

3 As Bênçãos da Fidelidade

Por Joaquim Dias

4 Fidelidade: «de quem» e «a quem»

Por Paulo Mendes

6 Fidelidade — A Manifestação dum Coração Convertido

Por Manuel Garrido

8 Evolução do Conceito de Fidelidade

Por M. N. Cordeiro

10 Valores na Nossa Vida

Por J. M. de Matos

11 A Lição de Waco

Por Joaquim Dias

12 Deus Salve Angola!

Por J. Morgado

14 «De Deus não se zomba»

Por Michael Kulakov Jr.

17 Notícias

PENSAMENTO DO MÊS

Tudo vem de Ti — e das
Tuas mãos To damos.

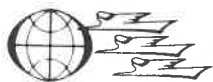
1 Crón. 29:12

Evangelismo 1993

Continuamos a publicar a lista das igrejas e grupos que têm programadas campanhas de evangelização. Algumas já foram realizadas; outras estão em curso ou terão proximamente lugar. Continuemos a orar pela evangelização no nosso país e por estas acções missionárias.

Igreja/Grupo	Data	Tema	Orador
Almada	10 a 18 de Abril	Deus também tem uma palavra a dizer ao nosso mundo	Ezequiel Quintino
Alpendurada	1 a 9 de Maio	O que ensina a Bíblia?	Fernando Mendes
Amadora	4 a 11 de Abril	Que farei de Jesus?	Eduardo Graça
Atalaia do Campo	18/4 a 16 Maio	Seminário Sobre o Sofrimento Moral	Teófilo Lopes
Aveiro	13 a 18 Junho	Seminário Sobre Stress	Daniel Esteves
	20 a 24 Junho	Plano de 5 Dias	Daniel Esteves
Avintes	14/5 a 6 Junho	Como preparar o futuro	José Manuel Matos
Braga	16 a 30 Maio		José E. Teixeira
Castelo Branco	3 a 6 Março	Seminário Nutrição	Natividade Quintino
	21/4 a 19 Maio	Seminário Sobre o Sofrimento Moral	Teófilo Lopes
Coimbra	19 a 30 Maio	As Profecias de Daniel	Manuel Cordeiro
Comenda	22 a 30 Maio	O Melhor da Vida	Justino Glória
Corroios	15 a 22 Maio	Jesus Cristo e o Caminho da Vida	Hortelinda Gal
Delães	16 a 25 Abril	Avançando no conhecimento dos Caminhos da Felicidade	José Manuel Matos
Entroncamento	4 a 11 Abril	Há Vida em Sua Morte	Daniel Martins
Ermesinde	17/4 a 10 Maio	Seminário Sobre Daniel	António Carvalho
Esc. Oliv. Douro	23/4 a 1 Maio	Revelações Proféticas	Daniel Bastos
Faro	Novembro 92	Seminário Crescimento da Igreja	Rúben Abreu
	20/2 a 7 Março	Seminário de Família	Rúben Abreu
	25/4 a 7 Junho	Seminário de Apocalipse	Rúben Abreu
Figueira da Foz		A Religião de Jesus Cristo	Daniel Silva
Fundão	2 a 7 Abril	Páscoa no Século XX	Paulo Mendes
	11/4 a 9 Maio	Seminário Sobre o Sofrimento Moral	Teófilo Lopes
Guarda	13 a 17 de Maio	Seminário Sobre Nutrição	Natividade Quintino
	24 a 28 Maio	Plano de 5 Dias	Daniel Esteves
Lisboa Alvalade	Maio	Seminário Sobre o Novo Estilo de Vida	Alberto Nunes
Lisboa Central	16 a 24 Abril	Já é Tempo	Sérgio Teixeira
Odivelas	20/3 a 16 Maio	Seminários Sobre Stress e Sobre Daniel	Rogério Nóbrega
Oliveira de Azeméis		Seminário de Daniel e Apocalipse	José Albino Vieira
Oliveira Douro	Maio e Junho	O Santuário e o Plano da Salvação	Paulo Renato
Paivas	1 a 8 Maio	Jesus Cristo e o Caminho da Vida	Hortelinda Gal
Palhaça	16 a 20 Maio	Seminário Sobre Nutrição	Joaquim Nogueira
Pampilhosa	18 a 29 de Junho	Sobreviverá o Mundo ao Ano 2000?	Manuel Cordeiro
Ponte de Sor	1 a 9 Maio	O Melhor da Vida	Justino Glória
Portimão	Maio		Francisco Caetano
Porto	18/4 a 9 Maio	Já É Tempo	António Maurício
Reboleira	4 a 11 Abril	Que farei de Jesus?	Eduardo Graça
Salvaterra	4 a 11 Abril		Ilídio Carvalho
Santarém	18 a 25 Abril		Daniel Vicente
Sangalhos	2 a 11 Abril		Daniel Esteves
Águeda	18 a 22 Abril	Plano 5 Dias	Manuel Cordeiro
Serpins	2 a 13 Junho	Nossa Época e o Destino do Mundo	Joaquim Nogueira
Setúbal	28/5 a 6 Junho	Campanha Evangelização	Dr.º Guida Esteves e
	Abril/Maio	Seminário sobre Nutrição	Dr. Filipe Valente
Sintra	21 a 30 Maio	Seminário Sobre Daniel	Rogério Fernandes
Tavira	Novembro 92	Conferências Sobre os Mortos	Rúben Abreu
Torres Vedras	Maio a Julho	Seminário Sobre o Apocalipse	Arnaldo Martins
Tomar	23/4 a 2 Maio	Para uma Vida Melhor	Daniel Martins
Vila F. Xira	2 a 11 Abril		Manuel Marinheiro
Vila Nova Gaia	4 a 10 Abril		Victor Alves
Vila N. Monsarros	30/4 a 9 Maio	A Verdade da Páscoa	Joaquim Nogueira
Vila Real	3 a 10 Abril	Semana de Oração dos Jovens	Mário C. dos Santos
	10 a 14 Abril	Seminário Sobre Nutrição	Natividade Quintino
	3 a 17 Abril	Escola Cristã de Férias	Mário C. dos Santos
	30/4 a 9 Maio	Seminário Sobre Família	Mário C. dos Santos
	21/5 a 6 Junho	Seminário Sobre Daniel	Mário C. dos Santos
Vila Real de St.º Ant.º	Novembro 92	Três Conferências Sobre os Mortos	Rúben Abreu
Viseu	12 a 19 Abril	O Amor de Deus	Rogério Santos
Ilhas			
Açores — Angra	10 a 18 Abril	Jesus	Joaquim Casaquinha
	30/10 a 28 Nov.	Seminário Sobre Daniel	Jorge Machado
Madeira — Funchal	4 a 10 Abril	Enriquecimento da Família	Joaquim Dias

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Maio de 1993 — Ano L • N.º 553

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1000\$00

Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



As Bênçãos da Fidelidade

O povo adventista é um digno exemplo de dedicação, de fidelidade e de identificação com o plano que Deus concebeu e accionou para restaurar a humanidade. A obra Missionária, de Educação, de Saúde, de Assistência Social e de Evangelismo, que a nossa Igreja realiza, visa esse objectivo. Só é possível, antes de tudo, porque Deus deu uma ampla visão e um grande privilégio ao Seu povo: formar uma sociedade do homem com Deus.

Este é, sem dúvida, um grande privilégio, porque Deus não depende do homem. Ele «poderia ter feito os anjos embaixadores da Sua verdade. Poderia ter tornado Sua vontade conhecida, assim como do Sinai proclamou a lei com a Sua própria voz. Porém, para cultivar em nós o espírito de beneficência, escolheu empregar os homens para fazerem esse trabalho» (E. White, *Conselhos sobre Mordomia*, p. 20).

«Para cultivar em nós um espírito de beneficência», isto é, o hábito de fazer o bem, a filantropia, a prática de obras de amor. Assim agindo, somos «ministros (servos) de Cristo, e dispenseiros dos mistérios de Deus» (I Cor. 4:1). Todos, sem excepção, temos uma parte neste Plano de Salvação que Deus está operando. Deus confiou-nos um capital para usar, formado pela Vida, o Tempo, as Capacidades e os

Meios Financeiros. No nosso próprio interesse, acrescenta o apóstolo Paulo, «requer-se nos dispenseiros que cada um se ache fiel» (I Cor. 4:2).

FIDELIDADE! Este é o tema da nossa Revista este mês; FIDELIDADE! Esta é uma segura fonte de paz e de bênçãos para a nossa vida. FIDELIDADE! Isto é o que Deus espera de nós. «Todos devem mostrar sua fidelidade para com Deus pelo sábio emprego do capital a eles confiado, não somente em meios, mas em qualquer dote que tenham para a edificação do seu reino» (*Conselhos sobre Mordomia*, p. 43).

Somos desafiados a experimentar uma maior fidelidade nos princípios bíblicos, nas normas cristãs, na santificação do sábado, na participação dos cultos e actividades missionárias da igreja e na administração dos meios que Deus nos confiou. «O próprio Deus deu origem aos planos para o avanço de Sua Obra, e tem proporcionado a Seu povo um excesso de meios, a fim de que, quando Ele pedir auxílio, alegremente possam atender. Se forem fiéis em levar para o Seu tesouro os meios que lhes foram emprestados, Sua obra fará rápido progresso. Muitas almas serão ganhas para a verdade, e o dia da vinda de Cristo será apressado» (*Ibid.*, p. 45).

Deus deseja usar-nos como

canais para fazer chegar os talentos e os meios à Sua igreja, de maneira a fazê-la triunfar. Por um lado, faz de cada um de nós uma pessoa eleita, especial, privilegiada, para que anunciemos o amor e o poder d'Aquele que nos «chamou das trevas para a sua maravilhosa luz» (I Pedro 2:9). Por outro lado, concede bens materiais aos Seus filhos e apela dizendo: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro para que haja mantimento na minha casa» (Mal. 3:10).

Como dissemos inicialmente, o povo adventista é um digno exemplo de dedicação, de identificação e de fidelidade. As bênçãos de Deus são patentes na Igreja e na vida de cada crente. Mas Deus quer abençoar ainda mais e deseja concluir o plano da salvação.

Fazemos um apelo a cada irmão, cada irmã, a cada jovem, para renovar a sua fidelidade na dedicação ao serviço da igreja, na identificação com os princípios bíblicos e na fidelidade nos dízimos e ofertas. «Deus convida Seu povo a prová-l'O, declarando que recompensará a obediência com as mais ricas bênçãos... O que semeia em abundância, em abundância também ceifará» (*Conselhos sobre Mordomia*, p. 91).

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa

Tais são os termos do «contrato de trabalho» estabelecido entre o Proprietário e os usufrutuários deste mundo. Deus, pela criação e pela redenção, é o verdadeiro proprietário de todas as coisas, de tudo quanto existe, quanto temos e somos. O homem, ser criado em plano superior a todas as demais criaturas, viu-se instituído de uma tarefa especial e tremendamente dignificante. Soube-o pela confiança e expectativa expressas no desafio deste «contrato»: dominar, colher, prosperar, crescer, usufruir cada vez mais plena e profundamente... Por uma realização profícua de tal tarefa deveria o ser humano sentir-se a si próprio como imagem e semelhança do Deus que o criara.

Em qualquer contrato, a estabele-

lência, a vergonha e o descrédito estão-lhe reservados.

Hoje em dia, de uma forma geral, ressaltando-se poucas mas muito dignas exceções, a maioria das pessoas relacionam-se com os bens de que desfrutam como sendo de sua propriedade exclusiva. Não fosse pela própria utopia que tal atitude representa só por si, cabe aqui realçar a injustiça que tal pretensão significa para Deus. Na Sua enorme riqueza e prodigalidade, o Senhor não Se sente mal porque empobrecido, mas sofre muito porque incompreendido.

Muitos de nós tratamos o que nos tem sido confiado por Deus como se tivesse sido ganho por nós. Da saúde à capacidade intelectual, do tempo às próprias circunstâncias envolventes..., achamos que delas gozamos por termos sabido fazer boas opções, que, por vezes, nos custaram até sacrifícios. E sentimos-nos realmente donos de pleno direito do que nunca deixarão de ser bênçãos diariamente recebidas do Senhor.

De um administrador que se faz passar por proprietário, no mínimo devemos pensar que se está a enganar a si próprio, até ao dia em que a sua fraude for descoberta, mas também podemos, com menos benevolência e chamando as coisas pelo seu nome, dizer que, consciente do que está a fazer, está a usurpar ao verdadeiro dono um direito que só a ele pertence.

O bom entendimento que se esperava que existisse entre Deus e o homem devia assentar na contrapartida humana à confiança divina em nos conferir tão alta responsabilidade. E essa contrapartida é a FIDELIDADE. Não uma submissão cega e aviltante, mas um assumir responsável de uma tarefa que lhe atribui a dignidade de Colaborador do Dono do Universo.

É de esperar que com tão elevado conceito de fidelidade o ser hu-

Fidelidade: «de quem» e «a quem»

«No princípio criou Deus os céus e a terra... E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se arrasta sobre a terra... Então Deus os abençoou e disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.» (Gén. 1:1,26,28).

dade da empresa, e a prossecução dos fins para que a mesma existe, dependem directamente do respeito, compreensão e aceitação prática das cláusulas e intenções desse mesmo documento de origem. O mesmo sucede no que respeita a este contrato entre Deus e o Homem. Enquanto houver uma correcta e eficaz relação entre o verdadeiro Dono e os Seus Administradores, enquanto cada um souber bem qual é o seu papel, quais os seus direitos, os seus deveres e, sobretudo, enquanto não se adulterarem as posições de cada um dos contratantes no que respeita ao senso de propriedade sobre os bens da empresa, a probabilidade de crescimento continua a existir; caso contrário, a fa-

mano encontre a sua realização ao procurar, acima de tudo, o engrandecimento da Causa do seu Senhor. Quanto maior ela for, maior o «seu» sucesso como administrador.

Ora, ao olhar para a situação actual da nossa igreja, que cada vez mais se debate com enormes problemas de escassez de meios, quer humanos quer financeiros, e ao constatar, simultaneamente, que os membros das nossas igrejas se vêm cada vez mais rodeando de comodidades, de confortos e até de superficialidades, somos levados a questionar-nos sobre o que aconteceu a esse contrato, a essa fidelidade, a esse interesse genuíno e profundo de cada administrador de fazer prosperar ou buscar primeiramente o reino dos céus.

As motivações que nos podem levar a tal estado de coisas não são outras que as que ao longo dos séculos têm tentado colocar o homem no lugar de Deus. E isso chama-se egoísmo, ingratidão, pretensiosismo. É precisamente na inversão de papéis que o administrador pensa ter conseguido dentro da sua relação com Deus que reside a grande dificuldade de avanço experimentada pela Sua igreja. «Deus tem estabelecido os planos para o avanço da Sua causa, e providenciou ao Seu povo um excesso de recursos para que responda favoravelmente quando for pedida ajuda. Se os Seus filhos levam fielmente à Sua tesouraria os meios que lhes foram confiados, a Sua obra avançará rapidamente. Muitas almas serão ganhas para a verdade, e apressaremos realmente a vinda de Cristo.» (*R&H*, 14/07/1904)

«Tal Pai, tal filho»... segundo o dito popular. Como actualmente não se pode ver o Pai frente a frente, que ideia farão d'Ele quando O procurarem ver nos traços de carácter «herdados» pelos Seus filhos? Precisamente por nos ter confiado a responsabilidade de manifestarmos o Seu amor é que Deus espera da nossa parte fidelidade à Sua vontade. Como não terá o Senhor es-

perado esse apego da parte de José, esse jovem que, incompreendido, odiado, vendido e escravizado, teria todas as razões para se revoltar contra um Deus que não lhe dera fácil juventude? É impressionante constatar que, invariavelmente, quem com ele contactou, desde o comandante Potífar, ou do carcereiro, ao próprio Faraó, todos sentiam haver, no íntimo do seu ser, uma total conformidade com o Senhor da sua vida. A prosperidade que lhe jorrava dos actos, o sucesso de cada um dos seus empreendimentos provocava em quem o rodeava a indagação: «Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?» (Gén. 41:38).

Quando tentado pela mulher do eunuco Potífar, José, em vez de tentar encontrar justificações para uma pequena «actualização da vontade de Deus», imediatamente reconheceu que lhe seria impossível desonrar o seu senhor terreno porque mais impossível ainda lhe era pecar contra o seu Deus. (cf. Gén. 39.) O que não pôde Deus fazer com um jovem de trinta anos que, pura e simplesmente, Lhe foi inteiramente fiel? Tão bem se aplicam a José as palavras: «Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo dos seus pés.» (Sal. 8:6).

«Se o nosso povo possuísse o amor de Deus no coração, se cada membro de igreja estivesse imbuído pelo espírito de abnegação, não haveria falta de fundos para as missões nacionais ou do estrangeiro; os nossos recursos multiplicar-se-iam; mil portas de utilidade ser-nos-iam abertas, e nós, convidados a entrar por elas....» (*R&H*, 24/12/1903.)

«O Senhor não se propõe a vir a este mundo para pôr ouro e prata à disposição do avanço da Sua Obra. Proporciona recursos aos homens para que estes, mediante donativos e ofertas, mantenham o progresso da Sua obra.» (*Ibid.*)

Olhar para José, para a forma

prática como a sua fidelidade beneficiou um homem, uma família e toda uma nação, é fonte de inspiração para os filhos de Deus do século XX, que tão amiúde correm obstinada e utopicamente, tentando entesourar riquezas e bens que lhes proporcionem poder, influência, bem-estar... Esquecemos que «os homens não empobrecem ao devolver a Deus o que é Seu; a pobreza sobrevém quando se retêm esses recursos.» (*Ibid.*)

Fazemos parte de um povo que tem pela frente uma tarefa enorme a realizar. Para cumprir o objectivo que lhe foi proposto, a nossa igreja tem de crescer e desenvolver-se. E isso não para dentro de si própria, mas em relação ao exterior, vivendo, pregando e convencendo o mundo do amor de Deus e da breve volta do Senhor Jesus. Muita gente aguarda que essa mensagem seja pregada com vigor e poder. O Senhor tem grandes meios para colocar à nossa disposição. Aos que «sobre o pouco foram fiéis», quer Ele colocar recursos incalculáveis para o acabamento da obra. Até quando resistiremos a compreender que «Há um constante intercâmbio, tomando e dando, recebendo e devolvendo ao Senhor o que é Seu. Deus imparte a cada verdadeiro crente luz e bênçãos, e este imparte-as, por sua vez, a outros, na obra que faz pelo Senhor. Ao dar do que recebe, aumenta a sua capacidade para receber.» (*Ibid.*)

Da nossa resposta a Deus, da nossa fidelidade a todos os bons conselhos deixados por um Pai que ama os Seus filhos, depende o sermos realmente participantes nesta obra que, connosco ou sem nós, o Senhor vai brevemente terminar. «Bem-aventurados aquele servo a quem o seu Senhor, (o verdadeiro Senhor da sua vida), quando vier, achar fazendo assim» (Luc. 12:43).

Paulo Mendes, tesoureiro da nossa União, e também o responsável pelo departamento de Mordomia.

Fidelidade — A Manifestação dum Coração Convertido

«*Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constitui sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?*» — Mateus 24:25.

A pesar das muitas convulsões, ou mesmo ataques malévolos, como povo continuamos perseverantemente a frequentar os nossos lugares habituais de culto, isto para confirmarmos intimamente o nosso apego a uma Mensagem e a um Salvador.

Com uma verdadeira dimensão de grupo, malgrado um ou outro revés próprio duma vida com outro teor de vivência e de solicitações, buscamos sempre aquela afirmação que nos leve a contrastar os problemas e frustrações do dia a dia com a doçura da esperança que os nossos corações conservam.

No nosso recanto interior mais sagrado procuramos alicerçar, paulatinamente, aquele cunho de felicidade mental que nos leve a podermos olhar para Cima com uma certa satisfação de dever cumprido. Dir-se-ia que isto é tremendamente humano... mas, será mesmo esta a vontade de Deus? Poderá isto ser levado às mais salutaras consequências?

Quantas preocupações de índole material nos assaltam, no momento em que somos confrontados com os princípios que um dia o Senhor colocou carinhosamente diante de nós, como um objectivo norteador de uma vida com foros de diferente!

Algumas declarações surpreendentes, e, porque não, incomodativas, todas elas eivadas dum cunho profético, passaram pela nossa retina:

— «Se temos prosperidade nos nossos negócios seculares é porque Deus

nos abençoa. (...) Mas quando um homem rouba a Deus, retendo o que Ele requer, a Sua maldição repousa sobre tudo.»¹

— «Vi que Deus não está em todas as riquezas que são ganhas. Satanás, muitas vezes, tem mais a ver com a aquisição de propriedades do que Deus.»²

— «Egoísmo, o pecado do mundo, tornou-se o prevalecente pecado da Igreja. Sacrificando-Se pelo bem do homem, Cristo ataca pela raiz a todo o egoísmo.»³

— «No meio da prosperidade o perigo espia. (...) A menos que o ser humano esteja em constante submissão à vontade de Deus, a menos que seja santificado pela Verdade, a prosperidade fará que ressurja a inclinação natural para a presunção.»⁴

Não haverá uma certa transferência de ideais dum mundo circundante, que determinarão um cada vez maior desapego a essa unidade global que é a IGREJA, capitalizando assim no próprio EU as motivações mais sagradas? Desviando da nossa vivência os alvos mais sagrados, afastamos de nós mesmos a consecução fiel do plano redentor de Cristo. O EGOÍSMO faz a sua aparição, e com ele todo um cortejo de sintomas: tristeza, descontentamento, desconforto, mal-estar, criticismo, materialismo...

Mas o mandamento continua a sussurrar-nos ao ouvido: «Não terás outros deuses diante de Mim» (Êxodo 20:3).

Olhando à nossa volta, ou quiçá, mesmo para dentro de nós mesmos, veremos todo um conjunto de facetas visíveis que apresentam contornos, nalguns casos esporádicos, de particular ostentação. Ora, nunca deveríamos esquecer que, se Deus nos aumenta o potencial, aumenta também as nossas responsabilidades.

A nossa saúde espiritual e as correspondentes bênçãos materiais são apenas limitadas pelos nossos horizontes. Importa que lhes possamos dar uma expressão mais equilibrada, mais solidária, ou, para empregar o termo certo, mais cristã.

Todo o crente deveria, periodicamente, redefinir o seu enquadramento de vida e verificar as motivações que o norteiam em tempos tão difíceis. No meio das muitas contrafacções existentes, onde tudo se mistura e pouco se separa, a fidelidade ao Senhor, em todas as coisas, será, sem dúvida, um bom indicador externo, mas carece de ir mais longe. Importa, inteligentemente, que saibamos responder a uma questão:

— «Estamos nós salvos... porque somos fiéis...

... ou...

— «Somos nós fiéis... porque estamos salvos?»

Todas as «coisas» fluirão naturalmente, se forem efectuadas com o coração nas mãos e os olhos postos em Cristo. Nada fazemos para ser crentes... mas tudo fazemos porque já somos crentes... fiéis a uma saborosa

promessa: «Vou preparar-vos lugar» (João 14:1-3).

Às salutares regras, aprendidas algures no tempo, retorquiremos com o princípio íntimo numa preciosa amizade com Aquele que «nos amou primeiro» (I João 4:19). Não serão «coisas» que servirão de impedimento à nossa progressão espiritual, mas o lugar que elas tiverem testemunhará do nosso apego a esta Causa.

Não é a aquisição de «coisas» que deverá ser posta em questão, mas a dimensão que elas poderão eventualmente ocupar na nossa vida. Os nossos valores, como crentes dedicados, são infinitamente superiores.

«A Igreja fiel não é aquela que está ligada a uma tradição, ou a uma profissão de fé teórica, mas aquela que, na actualidade da sua obediência quotidiana, testemunha muito seriamente da maneira como recebe as advertências do seu Senhor que está próximo.»⁵

Estejamos com Deus... e, colocando o «ter» no seu correcto lugar, encontrar-nos-emos, mais do que nunca, com a verdadeira harmonia do nosso «ser».

Não «teremos» apenas frias regras, mas, com todo o coração, «seremos» um povo ligado a santos princípios. Esta continua, e graças a Deus por isso, a ser a Igreja de todos nós.

Estamos muito perto do momento em que o Senhor proferirá a Sua pungente declaração: «Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor» (Mateus 25:23).

Referências

- (1) Ellen G. White, in *Testimonies for the Church*, (Pacific Press Publishing, Mountain View, 1948), vol. IV, pág. 477.
- (2) *Ibid.*, vol. I, pág. 175.
- (3) *Ibid.*, vol. V, pág. 204
- (4) Ellen G. White, in *Profetas e Reis*, (Casa Publicadora Brasileira, Santo André, s/ data), pág. 59/60.
- (5) Hébert Roux, in *L'Évangile du Royaume*, (Editions Labor et Fides, Genève, 2ª edição, 1956), pág. 258.

Manuel Garrido é pastor das igrejas das Caldas da Rainha, Peniche, Cadaval e Rio Maior.

Fidelidade e Avanço da Obra

Muitos têm considerado a nação judaica como um povo digno de dó por terem sido sempre solicitados a contribuir para o sustento da sua religião; mas Deus, que criou o homem e lhe proporcionou todos os benefícios de que goza, sabia o que lhes seria melhor. E, mediante Sua bênção, tornava os nove décimos mais proveitosos para eles do que os dez sem essa bênção. Se alguém, por cobiça, roubava a Deus ou Lhe levava uma oferta imperfeita, seguia-se com certeza prejuízo ou ruína. Deus conhece os motivos do coração. Está familiarizado com os desígnios do homem, e retribuir-lhes-á a seu tempo segundo aquilo a que fizeram jus.

O sistema especial de dízimos baseia-se num princípio tão duradouro como a lei de Deus. Esse sistema foi uma bênção para o povo judeu, de contrário o Senhor não lho haveria dado. Assim, será igualmente uma bênção para os que o observarem até ao fim do tempo. O nosso Pai celeste não instituiu o plano de beneficência sistemática com o intuito de Se enriquecer a Si próprio, mas para que o mesmo fosse uma grande bênção para o homem. Viu que o referido sistema era exactamente o que o homem necessitava.

As igrejas que mais sistemáticas e liberais são em sustentar a causa de Deus são espiritualmente as mais prósperas. A verdadeira liberalidade no seguidor de Cristo identifica-lhe os interesses com os do seu Mestre. No trato de Deus com os judeus e com o Seu povo até ao fim dos tempos, Ele requer beneficência sistemática proporcional aos rendimentos. O plano da salvação foi estabelecido pelo infinito sacrifício do Filho de Deus. A luz do Evangelho, que irradia da cruz de Cristo, repreende o egoísmo e anima a liberalidade e a beneficência. Não é para lamentar o haver crescentes pedidos. Na Sua providência, Deus está chamando o Seu povo a sair da limitada esfera de acção em que vive, a fim de entrar em maiores empreendimentos.... Cumpre-lhes compreender que é a misericórdia d'Ele que faz com que se multipliquem as solicitações de meios. O anjo de Deus coloca os actos de beneficência ao lado da oração. Disse ele a Cornélio: «As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus» (Actos 10:4).

Nos Seus ensinamentos, disse Cristo: «Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem

vos confiará as verdadeiras?» (Lucas 16:11). A saúde espiritual e a prosperidade da igreja dependem, em alto grau, da sua beneficência sistemática. É como o sangue vital que deve fluir por todo o ser, dando vida a cada membro do corpo. Ela acrescenta o amor às almas dos nossos semelhantes; pois por meio da abnegação e do sacrifício, somos postos em mais íntima relação com Cristo, que Se fez pobre por amor de nós. Quanto mais empregamos na causa de Deus para ajudar na salvação de almas, tanto mais achegadas nos serão elas ao coração. Fosse o nosso número metade do que é, e fôssemos todos obreiros consagrados, e teríamos um poder que faria tremer o mundo.

Sofremos nós privações? Sofreu-as Cristo, a majestade do Céu. Essa pobreza, porém, foi por amor de nós que Ele suportou. Achamo-nos classificados entre os ricos? O mesmo se deu com Ele. Consentiu, no entanto, por amor de nós, em fazer-Se pobre, para que por meio dessa pobreza nos tomássemos ricos. Temos exemplificada em Cristo a abnegação. O Seu sacrifício não consistiu apenas em deixar as reais cortes celestes, em ser julgado por homens ímpios como criminoso e declarado culpado, e ser entregue à morte do malfetor, mas em suportar o peso dos pecados do mundo. A Sua vida reprova-nos a indiferença e a frieza. Achamo-nos próximo ao fim do tempo, tempo em que Satanás desceu, tendo grande ira, sabendo que lhe resta pouco prazo. Não estamos fazendo a vigésima parte do que poderíamos fazer se estivéssemos alerta. A obra é retardada pelo amor da comodidade e falta do espírito de abnegação de que nosso Salvador nos deu exemplo na Sua vida. Carecemos de cooperadores de Cristo, de homens que sintam a necessidade de mais extensos esforços. A obra dos nossos prelos não deve diminuir, mas duplicar. Devem-se estabelecer escolas em vários lugares, a fim de educar a nossa mocidade no preparo para o seu trabalho no avanço da verdade....

Deus pede talentos de influência e de meios. Recusar-nos-emos a obedecer? Nosso Pai celestial concede dons e solicita parte de volta, assim que provar que somos dignos de possuir o dom da vida eterna.

Excertos de Testemunhos Selectos (Edição Mundial) Vol. 1, pp. 384-389.

E. G. White

Evolução do Conceito de Fidelidade

No princípio, quando Deus criou Adão e Eva, colocou-os no Jardim do Éden «para o lavrar e o guardar» (Gén. 2:15). Temos, nestas palavras, a primeira indicação, nas Sagradas Escrituras, do conceito de Mordomia.

O que é um mordomo? Mordomo é alguém que gere ou administra os bens de outrem, que lhe foram confiados com esse propósito. Neste caso, os seres humanos são mordomos dos bens que Deus lhes confiou, nomeadamente a vida, a inteligência, os talentos ou faculdades e os bens materiais — móveis e imóveis. Dispensário é outra palavra que encontramos nas Escrituras para definir este mesmo conceito. Assim como em todos os tempos houve mordomos infiéis para com os seus senhores, assim também sempre os tem havido para com Deus.

A primeira infidelidade

Adão e Eva foram os primeiros a ser infiéis ao plano do Criador. O Senhor havia-lhes dito que «de toda a árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás» (Gén. 2:16-17). Mas eles não foram fiéis a esta ordem do seu Criador. «E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu e deu também ao seu marido, e ele comeu com ela» (Gén. 3:6).

Assim como a árvore da ciência do bem e do mal constituiu uma prova

para Adão e Eva, da sua gratidão e lealdade ao seu Criador, assim também, em todos os tempos e actualmente em particular, o plano divino da mordomia constitui prova idêntica, a fim de revelar, perante Deus e todo o universo, se somos ou não dignos de ser participantes das delícias e felicidade do Éden restaurado.

Adão e Eva perderam, pela transgressão, o direito à habitação e vivência no Éden. Também nós, se formos infiéis neste mesmo terreno de prova, seremos igualmente eternamente excluídos dele.

O Senhor, justo juiz, no juízo que precede imediatamente a Sua vinda gloriosa, ao rever a vida e o carácter de cada um de nós, dir-nos-á: «Dá contas da tua mordomia» (Lucas 16:2).

A fidelidade de Abraão

Abraão, chamado e eleito por Deus para ser Sua testemunha perante nações e povos, reconheceu e praticou na sua vida este plano divino. Depois de ter vencido os 4 reis que se tinham coligado contra outros 5 reis, tendo o seu sobrinho Lot e a sua família sido aprisionados e levados cativos por um dos lados contendores, dos despojos deu o dízimo de tudo a Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo. (Ver Gén. 14:18-20).

Melquisedeque era um representante de Cristo naquele tempo. «Deus nunca Se deixou ficar sem testemunha alguma sobre a terra. Num certo tempo Melquisedeque representou o Senhor Jesus Cristo em pessoa, para revelar a verdade do Céu, e perpetuar a lei de Deus.

«Foi Cristo que falou por intermédio de Melquisedeque, o sacerdote do Deus altíssimo. Melquisedeque não era Cristo, mas ele era a voz de Deus no mundo, o representante do Pai.» (Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 1, p. 1093.)

Ora se Abraão, o pai dos crentes, deu o dízimo a Melquisedeque, representante de Cristo, muito maior razão há para nós cristãos darmos o dízimo ao próprio Senhor Jesus Cristo, por intermédio da Sua igreja. Cristo é o nosso único sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque (Heb. 7:21-26).

Também Jacob, a caminho de Padã-Arã para fugir à ira do seu irmão Esaú, votou em Betel: «... e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo» (Gén. 28:22).

Mais tarde Deus deu instruções específicas a Moisés sobre o sistema do dízimo que devia ser praticado pelos filhos de Israel ao entrarem e se estabelecerem em Canaã (Lev. 27:30-32).

Falta de interiorização

Após Moisés ter apresentado todos os requisitos de Deus aos Israelitas, na base do Monte Sinai, estes responderam: «Tudo o que o Senhor falou, faremos» (Êxodo 19:8). Mas eles não sabiam que sem a interiorização de Cristo nos seus corações não conseguiriam obedecer a nenhum dos princípios que o Senhor lhes dera por intermédio do Seu servo. Enquanto esteve aqui na Terra, Cristo disse aos Seus discípulos: «Estai em Mim e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto se não estiver na vi-

deira, assim também vós, se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer» (João 15:4-5).

Em virtude desta falha no povo de Israel, Deus prometeu, por intermédio dos profetas Jeremias e Ezequiel, operar neles uma renovação espiritual completa: «Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração, e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo» (Jer. 31:33). «E lhes darei um mesmo coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei um coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; e eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus» (Ezeq. 11:19-20).

Após o regresso dos judeus do cativo em Babilónia, de novo Deus adverte o Seu povo da sua infidelidade a respeito dos dízimos e ofertas, por intermédio dos profetas Ageu e Malaquias (ver Ageu 1:6, 9-11; Mal. 3:8-11).

Nos dias de Jesus

Quando Jesus esteve na Terra, procurou fazer compreender aos dirigentes religiosos do povo que a mera observância de regras e preceitos de nada valia. Era necessário que essa observância fosse o resultado de um novo nascimento. Neste sentido Jesus afirmou a Nicodemos: «Necessário vos é nascer de novo» (João 3:7).

Como resultado deste novo nascimento, os crentes primitivos nada possuíam por si mesmos. Aqueles que possuíam propriedades venderam-nas e deram o produto da venda aos apóstolos para fazer avançar a obra da proclamação do evangelho. Por outro lado, passaram a possuir tudo em comum (Actos 4:32-37). Houve, entretanto, um casal, Ananias e sua esposa Safira, cujo coração não estava inteiramente convertido e regenerado. Viram a maneira poderosa como o Senhor operava por intermédio dos crentes e dos apóstolos e quiseram

também ser participantes dessa maravilhosa experiência. Venderam uma propriedade que possuíam por determinado perço, mas trouxeram apenas uma parte aos apóstolos. Como resultado dessa sua infidelidade foram fulminados pelo Senhor e morreram (Actos 5:1-10). Este incidente causou tão profunda impressão nos crentes, que todos procuraram examinar-se a si mesmos, não fosse o caso de também estarem a ser movidos por motivos errados. Como resultado, o número de crentes cresceu enormemente e muitos sinais e maravilhas se operaram na igreja nascente, mediante a acção poderosa do Espírito Santo entre eles (Actos 5:11-16).

Nos dias actuais

O que aconteceu nesse tempo poderá acontecer igualmente nos nossos dias, se tão-somente nos despojarmos de todo o egoísmo e egocentrismo. Não nos esqueçamos de que, se formos infiéis como Ananias e Safira o foram, estaremos sob a mesma condenação divina que eles. Se o Senhor não executa com a mesma prontidão os Seus juízos sobre nós hoje, ao sermos-Lhe infiéis, é apenas por misericórdia, aguardando que, por este e outros exemplos idênticos, nos arrependamos. Mas caso não nos arrependamos, o juízo divino será igualmente certo e seguro sobre nós. É bom recordarmos a este propósito estas palavras da inspiração: «Deus jamais cometeu tal erro de converter uma pessoa e mantê-la sob o domínio da cobiça.» (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, p. 372.)

Não há falta de meios nas mãos dos Adventistas do Sétimo Dia hoje, para concluir a obra do Senhor em todo o mundo. Assim se apodere de cada um de nós o mesmo Espírito que actuou na igreja apostólica. «Não há, por assim dizer, escassez de meios entre os Adventistas do Sétimo Dia. Mas muitos Adventistas do Sétimo Dia deixam de reconhecer a responsabilidade que sobre eles repousa de cooperar com Deus e com Cristo na salvação de almas. Não revelam ao mundo o grande interesse que Deus tem pelos pecadores. Não procuram aproveitar ao máximo as oportunidades que lhes são concedidas. Tem-se

apoderado da igreja a lepra do egoísmo. O Senhor Jesus Cristo curará a igreja dessa terrível enfermidade se ela consentir em ser curada. O remédio encontra-se no capítulo 58 de Isaías.» (*Mordomia e Prosperidade*, p. 85.)

«Na grande obra de advertir o mundo, os que têm a verdade no coração, e são santificados pela verdade, desempenharão a parte que lhes foi designada. Serão fiéis no pagamento de dízimos e ofertas. Todo o membro da igreja é obrigado pela relação de concerto com Deus a privar-se de todo o gasto extravagante de meios. Não permitamos que a falta de economia na vida doméstica nos torne incapazes de desempenhar a nossa parte no fortalecimento da obra já estabelecida, e na penetração de novos territórios.» (*Ibid.*, p. 74.)

«Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas também de apressá-la. Se todos os que professam o Seu nome produzissem fruto para a Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho. Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria para recolher o precioso grão.» (*Parábolas de Jesus*, p. 69.)

Conclusão

O argumento de muitas pessoas, de não devolverem os seus dízimos nem serem liberais nas suas ofertas, porque aquilo que dão é mal administrado, não tem fundamento. Pois, se assim fosse, Jesus não Se teria dado a Si mesmo pelos pecadores, visto que Satanás Lhe disse: «Porque fazes esse sacrifício quando os homens o rejeitam e a Ti também?»

E o Senhor Jesus, ao concluir a parábola do mordomo infiel, pergunta: «Pois, se, nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos confiará o que é vosso?» (Lucas 16:11-12), isto é, as riquezas celestiais e a vida eterna? Cabe a cada um de nós responder.

M. N. Cordeiro é pastor da igreja de Coimbra, Serpins e Pampilhosa.

Valores na Nossa Vida

No conjunto dos valores que se encontram definidos e escalonados no nosso consciente, encontra-se certamente aquele que se refere à Fidelidade.

Para entendermos ainda melhor o conceito que, como cristãos e utentes da Língua Portuguesa, temos e devemos de ter acerca da Fidelidade, será conveniente que procuremos compreender ao máximo os aspectos mais relevantes inseridos neste vocábulo.

A palavra FIDELIDADE vem da Língua mãe — O Latim — onde se escreve *Fidelitas, fidelitatis*. Mas este mesmo termo deriva de um outro: — *Fidelis*, cujos significados nos ajudam a perceber melhor o que constitui realmente a Fidelidade. *Fidelis* (onde fomos buscar o nosso vocábulo fiel) pretende significar: seguro, leal, alguém em quem se pode ter confiança. Amigo fiel (*amicus fidelis, amicitia fidelis* (amizade sincera). *Fidelis in dominum* (fiel ao seu senhor). E, por extensão, *fidelis* significaria sólido, durável, forte, firme. *Navis fidelis* (um navio sólido).

Vem tudo isto a propósito desse valor de primeira grandeza que é a Fidelidade, que, a ser verdadeira, pura e sincera, será então necessariamente imbuída dos subvalores que fomos registando há momentos, como sejam a lealdade, a firmeza, a confiança; e também a solidez e a fortaleza.

A Fidelidade, qual constelação aureolada de todas estas estrelas

cadentes, é um sustentáculo da genuína Liberdade individual. Só pode ser fiel aquele que livremente decide sê-lo. Este facto tem vindo a processar-se ao longo dos anos em que livremente nos temos mantido fiéis ao Senhor em muitos aspectos, como também naquele que se refere às nossas participações para o avanço da Sua Causa. Essa fidelidade releva igualmente do nosso sentido de responsabilidade que, com o rodar do tempo, se aperfeiçoou ou, pelo contrário, sofreu uma evolução regressiva. Mas ela existiu um dia em nós, ganhou raízes, e viveu numa pragmática regular e natural. Olhando à distância, podemos ver que tal liberdade e um tal sentido de responsabilidade não nos impediram, assim como aos nossos dependentes, de ter acesso aos bens do comum dos mortais e, muito particularmente, deram o seu contributo para o acesso aos bens espirituais, conducentes, ainda mais estes do que aqueles, aos caminhos por onde se espriam muitos ritmos da verdadeira Felicidade.

Um adventista — Luis Eduardo — chamemos-lhe assim para uma maior impossibilidade de identificação, decidiu um dia abandonar o seu emprego numa firma de renome, mas onde o seu trabalho não era significativamente considerado em termos de remuneração. Pobre, muito jovem ainda, inexperiente, um pouco hesitante, decidiu sair e montar a sua própria actividade. Onde en-

controu a força de ânimo que o levou à vitória? Onde encontrou a luz que, brilhando desde o princípio, não mais se lhe apagou? Onde encontrou sabedoria para prosseguir serena mas firmemente nos rumos do sucesso? Em Deus, posso vo-lo dizer. Em Deus e na oração; e na Bíblia também. Foi exactamente nos contextos vincadamente espirituais que encontrou as capacidades para tomar as decisões que se impunham até tornar a sua vida próspera, sólida e com horizontes definidos claramente, ano após ano. Tudo isto trouxe ao Luis Eduardo um grande sentido de realização pessoal. Vemo-lo, não poucas vezes, sendo o alimento do mais pobre, o agasalho dos que têm frio, a casa dos empréstimos aos aflitos, o lar aberto a todos, num amplexo fraternal. A sua livre escolha nos caminhos da Fidelidade fez dele um sincero amigo de Deus, um homem sólido, estável, firme, coerente, durável e forte, à imagem linguística dos contextos presentes no termo da nossa reflexão: A Fidelidade.

Testemunhos como este haverá muitos, por certo, por este país fora, por este mundo fora, atestando, duma forma transparente e simples, que aqueles que são fiéis ao Senhor sempre alcançam a sua recompensa.

José M. de Matos é pastor das igrejas de Avintes e Canelas.

J. M. de Matos

A Lição de Waco

Todos ficámos estarecidos ao ver nos ecrans da televisão o fim trágico do grupo de Davidianos num holocausto suicida. Os nossos sentimentos solidarizam-se com os pais, as esposas, os esposos e filhos que perderam membros da sua família.

O primeiro impulso que nos surge é o de apelar a todos os cristãos para um conhecimento real da Bíblia, de maneira a ter um relacionamento pessoal com o Deus Criador do Universo e a desenvolver uma fé que ilumina a razão, promove a harmonia e valoriza a vida.

Como Adventistas do Sétimo Dia, desde o início dos acontecimentos, ficámos surpreendidos e chocados, não só pelo triste cenário que se desenrolava em nome da religião, mas também ao ver que alguns órgãos de Comunicação Social conectavam o nome da nossa Igreja com tais factos. Reagimos pronta e energicamente para que a verdade fosse reposta, não hesitando mesmo a recorrer à instância suprema da informação — Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS). O teste foi duro, mas eficiente. Todos se saíram bem: A AACS fez respeitar a Lei do Direito de Resposta; a RTP assumiu finalmente a sua responsabilidade, divulgando o nosso Comunicado nos mesmos programas e horários em que tinha dado informações erradas; a verdade foi reposta e o nome da nossa Igreja foi dignificado.

No tratamento desta situação, e outras similares, deve ser sempre a preocupação de todos nós seguir a orientação dos profissionais de relações públicas, que consiste em respeitar três pontos fundamentais:

1. Desconectar a Igreja Adventista do Sétimo Dia de toda e qualquer relação com a história do Waco.

2. Tomar uma atitude positiva, dirigindo a conversação de maneira a falar da nossa história em vez da história do Waco.

3. Agora que os acontecimentos do Waco estão passados, importa desenvolver programas que projectem uma imagem positiva da Igreja.

Pensando essencialmente na vida interior da Igreja, na nossa vivência cristã e na imagem que damos ao público, há ainda dois pontos mais que merecem reflexão:

4. Vale a pena pensar seriamente no que haja em nós que possa promover o sectarismo ou tornar as pessoas vulneráveis a ele.

5. A grande lição a retirar, finalmente, deste incidente é que devemos aproveitar todas as oportunidades para associar o nome da nossa Igreja com as muitas actividades de utilidade pública e acontecimentos positivos que realiza. Ao associarem o nome da Igreja, embora indevidamente, a um feito negativo, viu-se a reacção imediata do público. Esse mesmo público precisa de saber que a Igreja Adventista não é isso, mas que está empenhada no bem-estar físico, mental e espiritual das pessoas e da sociedade.

Sempre que actuamos num programa de rádio ou na TV, num Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar, num Seminário de Controlo do Stress, de Nutrição, de Família, numa Escola Cristã de Férias; sempre que se vê uma revista *Saúde e Lar*, *Nosso Amiguinho* ou um bom livro da Publicadora Atlântico na mão de alguém;

sempre que pessoas e famílias beneficiam das nossas escolas ou de acções dos nossos jovens em acampamentos, clubes de desbravadores, medição de tensão arterial, etc., saibamos aproveitar tais oportunidades para lembrar com humildade e muita confiança: «Este é um serviço, ou esta é uma Instituição da Igreja Adventista do Sétimo Dia». Aproveitemos essa oportunidade para deixar literatura sobre a nossa Igreja e a mensagem bíblica.

Ao agirmos desta maneira, não só estamos prestando um serviço benéfico às pessoas, mas também as informamos sobre quem somos, para que no devido momento tomem posição pela verdade e defendam a Igreja quando ela for ofendida. Isso verificou-se nos recentes acontecimentos. A nossa queixa contra a RTP, para podermos exercer o Direito de Resposta, foi parar às mãos de um membro de Alta Autoridade para a Comunicação Social que há três anos tinha participado num plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar, na Igreja Central de Lisboa. Com verdadeiro conhecimento de causa, esse membro da AACS pôde objectivamente dirigir o processo e fazer cumprir a lei, o que permitiu repor a verdade e restabelecer o bom nome da nossa Igreja, deixando de estar associada com um grupo de maníacos, mas com pessoas que promovem o amor ao próximo, a justiça, a saúde, os verdadeiros valores da juventude e da família, e a esperança.

O Pr. Joaquim Dias é o presidente da União Portuguesa.

Joaquim Dias

Deus Salve Angola!

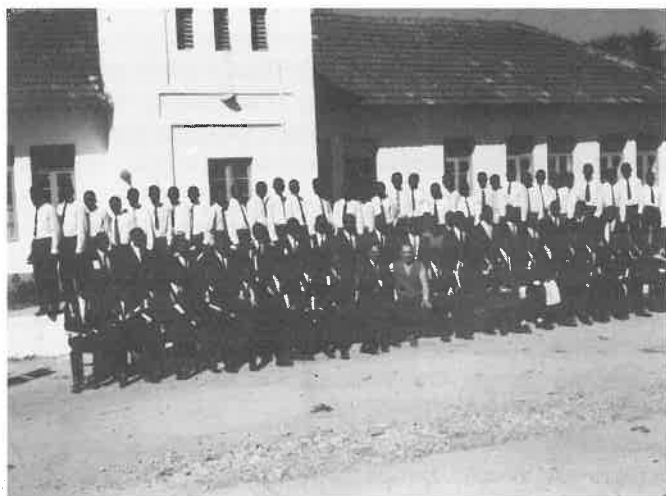
Mesmo os que não viveram naquela bela Terra não podem ficar indiferentes à carnificina e ao ódio que está atingindo aquele povo. Posso avaliar o que se passa com aqueles que ali nasceram, viveram ou trabalharam!

É possível que para alguns pouco represente, mas nós que assistimos ao desenvolvimento da nossa obra em Angola, que contamos as bênçãos que o Senhor concedeu no trabalho nas missões, nas centrais, nas catequeses, nas cidades, nas escolas, nos hospitais e dispensários, na rádio, nas publicações, não podemos deixar de «chorar por aquela terra bem-amada»!

Foi precisamente em 1923, há exactamente setenta anos, que os primeiros missionários adventistas se estabeleceram no Lépi, bem perto do Bongo, isto como

resultado da viagem que W. M. Anderson havia feito no ano anterior àquela área. Foi a 12 de Junho de 1923 que o primeiro grupo de missionários chegou de barco ao Lobito, vindos da África do Sul: Sr. e Sr.^a Anderson, Pastor Baker, e em Wolnis Bay (Namíbia) tinham embarcado o Sr. e Sr.^a Brendenkamp. Depois de alguns dias no Lobito, para despacho da bagagem e compra de mantimentos, viajaram de comboio até ao Lépi.

As senhoras ficaram no Lépi e eles foram armar as suas tendas no local onde se iria estabelecer a Missão do Bongo. A viagem fazia-se a pé. Em breve as tendas foram substituídas por casas de pau a pique, onde começaram a viver a 27 de Abril de 1924. No Bongo as primeiras casas definitivas foram somente terminadas em 1925.



Instituto do Bongo



Igreja do Bongo

Do Bongo, a luz do Evangelho irradiou rapidamente para os outros pontos de Angola.

Em Abril de 1925, o Sr. Brendenkamp saía da Missão do Bongo para estabelecer a Missão da Luz, onde se instalou em Agosto do mesmo ano, local esse que havia sido visitado anteriormente por Anderson.

Ao Bongo chegou, em Outubro desse ano, P. D. Harder, para ocupar-se da Escola. Em Dezembro de 1925 chega ao Bongo o primeiro professor de português, Artur Oliveira, pai do actual pastor com o mesmo nome. Em Outubro de 1926, chega o Dr. Tongue, que ali estabelece a obra médica que, a partir de 1931, deveria ser continuada pelo Dr. Roy Parsons. João de Sá e esposa chegam pouco depois ao Bongo, idos de Lisboa.

Em 1927 foi adquirido em Nova Lisboa, a actual Huambo, um terreno, onde nesse ano estava T. R. Huxtable, que construiu o edifício da Missão.

Em 1928, J. D. Baker instala-se num terreno da Namba, que, no ano anterior, tinha sido visitado por Anderson e Tongue.

Em Junho de 1932, Brendenkamp chegou ao Lucusse, começando logo a construir a respectiva missão. A missão do Cuale foi iniciada em 1934, sendo E. Buckley o seu primeiro obreiro. Jerónimo Falcão é colocado ali pouco depois (1937).

Em 1931 foi adquirido um terreno no Quicuco, mas somente em 1952 José de Sá foi enviado para ali como primeiro missionário.

Como estas missões, estes campos missionários cresceram! Todos com as suas escolas, os seus internatos para rapazes e meninas, as suas oficinas, as suas igrejas, os seus dispensários onde se faziam autênticos milagres! Como foi bom ver surgir, a seguir, as centrais, com as suas escolas, na maior parte com quatro salas de aula e igualmente com os seus internatos! An-

gola estava coberta por uma rede de catequeses e escolas de Norte a Sul. Belos edifícios foram construídos, a bela escola da Namba, a igreja do Cuale, as centrais dos campos missionários do Bongo e Nova Lisboa.

Nas cidades, a obra começou em Benguela, com uma Escola Sabatina, realizada em casa da irmã Luísa Bastos, em 1945; em 1948, A. J. Rodrigues ia todos os fins de semana a Nova Lisboa trabalhar com os europeus. Como este trabalho se expandiu! De Benguela passou ao Lobito e Catumbela, à Ganda, Cubal, Luanda, Malange, Luso, Sá da Bandeira, Moçâmedes, Gabela, Caala, Longonjo, etc, etc.

Como era bom ver a bela estação missionária do Bongo com o seu hospital, com vários médicos, analistas, técnicos de raio X, com a sua escola de preparação missionária, onde se preparavam novos obreiros e onde se fizeram muitos cursos de reciclagem para os mais antigos.

Das missões, parece-nos, pelas informações que temos, que Namba, Luz e Lucusse desapareceram. Várias centrais igualmente. Do Bongo, nada existe do hospital. A Escola foi transferida para Nova Lisboa, a tipografia, também transferida para Nova Lisboa, quase não funciona. Quantos milhares de livros saíram dos seus prelos no Bongo?

Através destes vários anos, a obra cresceu nas cidades e milhares e milhares de homens, mulheres e jovens foram baptizados. Tê-nhamos esperança que a Igreja em Angola triunfará. Para a Igreja triunfar, teve, no passado, os seus mártires, cujos nomes não conhecemos todos.

Há dias, folheando alguns números do *Boletim Adventista*, deparei com os nomes de alguns obreiros que conheci, com quem trabalhei e que em 1961 foram apanhados pela guerra; outra revista lembrava os 6 elementos da casa publicadora que, numa carrinha, per-



deram a vida ao tocarem numa mina. E há aqueles que foram mortos nos seus lugares de trabalho, no mato.

As últimas notícias de Angola não são animadoras. Há crentes e obreiros nossos que perderam a vida. Lembro o caro colega pastor Domingos Paulo, morto em Luanda. Com ele viajei por Angola fora, especialmente no sul, na área de Chipundo. Outro nome nos é citado, Ferreira Matias, como tendo perdido a vida em Luanda. É possível que quando estas linhas forem publicadas tenhamos novas e tristes notícias, especialmente da área do Huambo.

Quanto aos edifícios que nos dizem ter sido destruídos no Huambo, se algum ainda existe de pé, confrange-nos recordar a bela igreja do Huambo. O pastor E. Ferreira, em artigo que publicou na *Revista Adventista* de Agosto de 1961, fazia um relato da inauguração da igreja. Dizia ele, «Trata-se de um edifício de linhas modernas mas de vincado carácter religioso, que tem merecido os elogios de quantos o têm visitado. Precedido por um gradeamento, o seu pátio é embelezado por algumas árvores e flores. A torre que o ladeia é coroada pelas ini-

ciais do nome de Cristo em grego, como símbolo de que Cristo domina supremo na mensagem e actividade da Igreja Adventista.

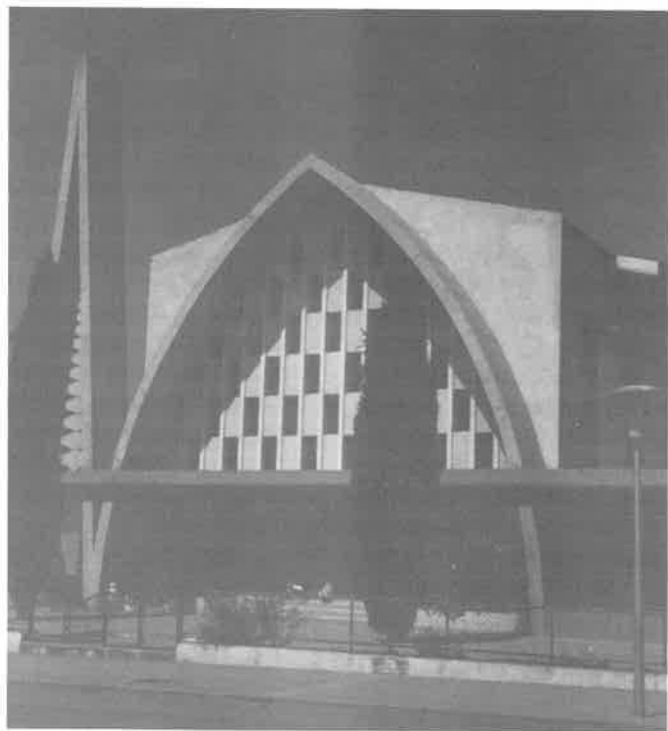
«A cerimónia de inauguração teve lugar no dia 15 de Julho de 1961 com assistência do Sr. Governador do distrito e outra autoridades.

«No programa tomaram parte miss Theodora Zuercher, com um solo de violino; o coro da congregação, dirigido pela Irmã Arline Hermanson; o Pastor Franck Dietrich que, em solo cantou 'O amor de Deus'; e o signatário (E. Ferreira) que pregou o sermão.

«A inauguração do Templo devia ser assinalada por uma cerimónia baptismal. Assim, no dia seguinte, perante numerosa assistência, quatro candidatos deram o seu testemunho público em favor de Jesus, descendo às águas, tendo oficiado o Pastor E. L. Jewel.»

Talvez para alguns estas palavras tenham um sabor especial.

Quando cheguei a Nova Lisboa, hoje Huambo, em 1952, a igreja era uma sala pequena e simples no fim do quintal da casa do presidente. Anos mais tarde, uma igreja foi construída, onde, depois da inauguração desta, foi adaptada a escola primária. Recordo-me que fui o último



Igreja de Nova Lisboa

missionário a pregar e a officiar uma cerimónia baptismal naquela igreja, em Agosto de 1975. O número de membros europeus já estava muito reduzido.

Realizámos os baptisms já debaixo de fogo, que atingiu as paredes da igreja e alguns dos seus vidros.

Outro edifício destruído foi o da «Voz da Profecia». Durante anos lutámos para termos instalações próprias onde gravar as nossas emissões. A União aprovou a construção dum edifício onde, no rés-do-chão, havia uma sala para a Escola Bíblica por correspondência, depois um escritório, que eu usei, e então a sala de gravação, suficientemente ampla para toda aparelhagem nova que ali foi instalada. Ao lado havia um estúdio onde podia caber um coro para gravar hinos.

A inauguração teve lugar no dia 2 de Dezembro de 1973, com a presença do Pastor Walter Scragg, do departamento de Rádio da Conferência Geral.

O coro da igreja de Nova Lisboa, dirigido pelo pastor Juvenal Gomes, gravou no estúdio vários hinos. (O *Boletim Adventista* de Dezembro de 1973 trazia uma reportagem com várias fotografias.)

Estas lembranças trazem-nos sofrimento e saudade, e as notícias actuais da igreja em Angola causam-nos angústia e perplexidade. Mas não podemos perder o ânimo e a esperança. No meio dos problemas e dificuldades a obra de Deus há-de triunfar. Oremos pelos que neste momento estão sofrendo e aguardemos cada dia a manifestação do Poder de Deus.

O pastor J. Morgado foi missionário em Angola e Moçambique

TESTEMUNHO

«De Deus não se zomba»

Como um adventista sobreviveu à humilhação e coacção do comunismo.

Aprendi a amar e apreciar a América. Quanto mais estudo a história dos Estados Unidos, tanto mais me identifico com os pioneiros que saíram da Europa — perseguidos, sem direito à liberdade — com o fim de construir um país onde pudessem satisfazer as suas necessidades de desenvolvimento pessoal, educação e crescimento espiritual. Tinham por objectivo construir uma nação onde pudessem proclamar livremente o evangelho de Jesus Cristo.

E quanto mais estudo a história norte-americana, tanto mais me convenço de que a razão básica para a sua permanente democracia se fundamenta nos princípios das Sagradas Escrituras. A sociedade americana foi construída sobre o princípio do respeito pelo indivíduo como um ser único e sagrado — um princípio estranho, por exemplo, à Revolução Francesa, ou ao marxismo. Qualquer nação fundamentada sobre tais princípios, e que permaneça leal a eles, sem dúvida haverá de usufruir da prosperidade e protecção divinas.

Jamais me esquecerei de como minha mãe, antes de me enviar para a escola cada dia, abria a Bíblia e lia

Gálatas 6:7: «Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.» Ela sabia que numa escola ateuista como a que eu tinha que frequentar, certamente seria ridicularizado, desrespeitado e isolado dos demais. E por esta razão ela ainda acrescentava o comentário: «Não te deixes enganar, Michael. 'De Deus não se zomba.' A causa de Deus triunfará na tua vida, meu filho — e na nossa pátria.»

Às vezes eu tinha a impressão de que a verdade era justamente o oposto daquilo — era como se o diabo estivesse triunfando enquanto Deus e Sua causa estavam sendo escarnecidos.

Na década de 30, durante a campanha política de Stalin, foram exterminados mais de sete milhões de pessoas. Mortas por seu próprio governo em tempo de paz, em seu próprio país — no decurso de apenas seis anos. Na verdade, os nossos próprios historiadores estão afirmando agora, publicamente, pela imprensa e pela televisão, que o número de mortes durante a era de Stalin chegou a vinte milhões. (Isto sem falar nos vinte milhões que morreram durante a Segunda Guerra Mundial.)

Imediatamente após a revolução de 1917, iniciou-se a destruição das igrejas, o que foi intensificado depois da morte de Lenin. Praticamente todas as igrejas, inclusive a maior parte das melhores catedrais, mosteiros e igrejas protestantes na antiga União Soviética, ou foram totalmente demolidas ou desfiguradas, ou transformadas em armazéns, ou, na melhor das hipóteses, em museus de religião e ateísmo. O país foi varrido por campanhas anti-religiosas, o que levou milhões de cristãos para campos de prisioneiros. Até ao ano de 1985 houve severa restrição e perseguição religiosa, com apenas uns curtos e poucos períodos de abrandamento.

E não eram só os cristãos que sofriam. Milhares de pessoas, que criam sinceramente nos ideais do Comunismo e o aceitavam de coração, também sofreram — e foram presas — porque não concordaram em sacrificar os seus princípios.

Culto secreto

Durante os anos do governo de Stalin, a Igreja não tinha, praticamente, a quem recorrer. As congregações cristãs reuniam-se em lugares secretos para prestarem o seu culto. Com os seus

Michael Kulakov Jr.

pastores definindo nos campos de trabalhos forçados, os fiéis tinham que seguir sem qualquer liderança organizada, sem literatura e sem comunicação com o mundo exterior. E em centenas de congregações, as esposas dos pastores aprisionados assumiram a liderança sem qualquer preparo ministerial. Dentro de suas capacidades serviram a Deus por décadas como líderes ungidas por Ele.

Penso nessas mães com grande respeito, orgulho e admiração. Sua coragem, visão e fé serão uma fonte de inspiração para muitas gerações de cristãos na Rússia. As nossas mães encorajaram-nos a que permanecêssemos fiéis a Deus e aos Seus princípios, custasse o que custasse. Elas mostraram-nos que a Bíblia é o livro mais excitante e extraordinário que existe. Não possuíam a ajuda de material audiovisual, jogos de feltro ou Bíblias ilustradas, muito menos filmes movimentados. No entanto, conseguiram mostrar-nos que o Deus da Bíblia é real e que os homens e as mulheres da Bíblia também são reais. Lembro-me até hoje das passagens que essas mulheres dramatizavam para nós, crianças, apesar de desgastadas pelas durezas e dificuldades.

Milhões e milhões de Bíblias e outros livros cristãos, enviados por irmãos e irmãs ao redor do mundo, eram consumidos em grandes fogueiras, assim que alcançavam as fronteiras. Mas a chama flamejante que ardia no coração dos cristãos dentro do país não podia ser extinta.

Milhares de crianças cristãs eram humilhadas e inti-

midadas em escala maciça. Muitas famílias eram ameaçadas de ter seus filhos sequestrados caso continuassem a educá-los na fé cristã. E as ameaças não eram feitas no ar. Muitas famílias foram realmente separadas.

Não escrevo isto com o fim de suscitar ódio contra os antigos perseguidores. Longe disso. Antes estou tentando mostrar o beco sem saída, a loucura, a agonia e o vazio para o qual nações inteiras são lançadas quando o povo abandona a Deus.

Milhares de crianças cristãs eram humilhadas

«Não vos enganeis: de Deus não se zomba», lia minha mãe. E o verso continua: «... pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.»

Mesmo durante a minha infância, e mais tarde, na juventude, pude notar a veracidade desse princípio nas experiências que tive com Deus. E fortaleceu-me grandemente o facto de eu encarar tudo da perspectiva da eternidade.

Lembro-me da minha experiência no exército. Com a cabeça rapada, fui levado a sete fusos horários de casa, durante dois anos de serviço militar. 90% dos membros da unidade na qual fui colocado eram constituídos por homens que já tinham ficha na polícia. Quando o sábado chegou, eles tentaram forçar-me a trabalhar. Recusei e gastei o dia inteiro, numa tempestade de dez graus

abaixo de zero, correndo pela mata para não congelar. À medida que eu corria, recitava poesias cristãs e textos bíblicos que havia decorado de cópias que minha mãe me enviara. Ao anoitecer, quando voltei para o acampamento, descobri que toda a gente estivera à minha procura. O oficial ficou com medo de que eu morresse congelado sob o seu comando.

O meu comandante mandou-me chamar, e diante da minha equipe humilhou-me da pior maneira possível. Mal pude acreditar que ele estivesse blasfemando daquela maneira contra Deus, contra a Bíblia e o cristianismo. Fui ameaçado com a corte marcial e sujeito a choques eléctricos. Tentei protestar e explicar que trabalharia em qualquer outro dia da semana, menos no sábado, mas em vão. Foi-me ordenado que limpasse as latrinas e esfregasse o soalho das baracas.

Mas quando saí do escritório do comandante naquela noite, outro soldado agarrou-me pelo braço. Olhando directamente nos meus olhos, disse:

— Ouvi tudo o que aconteceu no escritório do comandante. Quero dizer-te uma coisa: Se realmente acreditas em tudo o que lhe disseste, persevera. Vale a pena.

Apressei-me quartel fora — lágrimas congelando em minha face — e clamei: «Jesus, muito obrigado por me mandares aquele anjo. Muito obrigado por animares a minha fé. És Tu, Senhor, que me estás dizendo hoje que seja o que for que eu encontre pela frente, vale a pena agarrar-me a Ti.»

Mudança de situação

Aos poucos, a situação foi mudando. Meus superiores acabaram aprendendo a respeitar a minha fé e o meu compromisso com Deus. E encarregaram-me de comandar uma enorme operação naquele exército.

Mas durante 70 anos milhões e milhões de pessoas foram enganadas, cegadas pela propaganda e por promessas de utopia. Às vezes aqueles setenta anos pareciam uma eternidade, mas o tempo da colheita chegou. Agora a sociedade encontra-se diante de Deus de mãos vazias e desesperada com grande amargura para com os falsos deuses e os líderes corruptos do passado, que levaram a nação à ruína. A sociedade está diante de Deus, anelante de arrependimento, perdão e de Sua Palavra repleta do calor do Seu amor.

Sim, de Deus não se zomba. «Em nosso cego conceito podemos supor que há uma maneira de escapar da séria regularidade do Seu julgamento moral, que podemos pecar sem punição, que podemos violar as leis morais e escapar da deterioração moral, mas em assim fazendo, enganamo-nos a nós mesmos.» — *Speaker's Bible Commentary* (sobre Gálatas), pág. 91.

Mas graças a Deus, temos boas-novas para nós, os russos, temos boas-novas para nossa sociedade, boas-novas para os americanos e para cada ser humano debaixo do Sol. A lei que Deus estabeleceu de causa a efeito é justa. Mas existe uma lei no Universo que é ainda mais poderosa e está em franca operação — a lei de Cristo.

Graças ao milagre do amor redentor de Deus, nós, seres humanos — apesar de semearmos diariamente o pecado, deficiência e maldade — podemos colher o amor de Cristo. Podemos colher aquilo que Ele semeou. Não é da vontade de Deus que o ser humano ou a nação colha as consequências de sua inépcia e arrogância. No Seu amor, Ele adverte-nos por meio da História e das Escrituras.

Um recente filme de produção russa, *Arrependimento*, abalou a consciência liberada da nação. Ele convoca a sociedade como um todo a rejeitar os falsos deuses, as falsas ideias, os ídolos e a arrepender-se como nação e como sociedade. O filme inteiro constitui um retrato simbólico do mal, colhendo suas consequências. Começa com uma cena do corpo de Stalin sendo desenterrado ao anoitecer e lançado fora com tanta violência e justa indignação que os milhões em Moscou e a nação inteira puderam ver de suas casas os restos rejeitados voando através do céu e desaparecendo em algum lugar desértico.

Quando assisti a esse filme, pensei no rei Jeoaquim, filho de Josias, rei da velha Judá, que rejeitou a palavra de Deus que lhe foi anunciada por meio do profeta Jeremias, chegando ao ponto de queimar o rolo que continha a mensagem. As palavras de Jeremias ressoaram nos meus ouvidos: «Portanto assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não lamentarão por ele, dizendo: Ai, meu irmão, ou Ai, minha irmã! ... Em sepultura de jumento o sepul-

tarão, arrastando-o e lançando-o para bem longe, fora das portas de Jerusalém.» (Jer. 22:18, 19.) Deus não permite que as forças do mal prevaleçam para sempre.

Uma nova atmosfera

Hoje, no meu país, os institutos de ateísmo científico — enormes edifícios recobertos de mármore, espalhados por toda a nação — estão abandonados, vazios. Não existem mais estudantes interessados no ateísmo científico. Todas as sociedades ateístas e as faculdades e departamentos de ateísmo em todas as universidades da antiga União Soviética foram tiradas do orçamento nacional. Na última feira internacional do livro em Moscou, onde muitas casas editoras cristãs do mundo ocidental expuseram uma enorme variedade da melhor literatura cristã, um grupo de ocidentais montou um estande de literatura ateísta ocidental. Poucos, entretanto, se interessaram por ela.

— Por favor, não se ofendam — disse um grupo de russos não-cristãos aos vendedores ateus — mas não tragam este lixo para nós. Vocês não conhecem as consequências que este tipo de literatura acarreta. Nós conhecemos muito bem.

No meu país ninguém mais quer comprar as obras dos pais do ateísmo. Mas todos — do operário ao intelectual — querem uma Bíblia.

Em Tula, uma cidade 176 quilômetros ao sul de Moscou, temos uma das melhores casas editoras do país. Foi propriedade exclusiva do Comité Central do Partido Comunista e era usada para imprimir propa-

ganda comunista. Na época do surgimento da *perestroika*, visitei o local e vi impressoras gigantescas produzindo milhões de retratos de Marx, Engels, Lenin e todos os outros líderes do ateísmo e do marxismo. Hoje essa casa editora tornou-se uma cooperativa. Desapareceu o interesse do povo pelo tipo de ideologia que ela uma vez produziu. E agora a editora, aberta ao público, imprime milhares de livros cristãos como, por exemplo, *Aos Pés de Cristo*, de E. G. White.

Deus nunca zomba das pessoas. Ele respeita-nos. Quando a nação russa O rejeitou, Ele não reservou para Si nem uma única casa editora ou estação de rádio. Não. Ele esperou que a nação Lhe devolvesse essas instituições de livre e espontânea vontade. Quando penso na maneira como Deus lidou conosco, fico maravilhado.

No outono de 1990 visitei a cidade de Novosibirsk, na Sibéria, a convite de várias universidades siberianas. Pediram-me para fazer palestras sobre o cristianismo protestante e a Bíblia, para estudantes e professores. Aonde quer que eu fosse, centenas de pessoas se reuniam para ouvir a história da Bíblia, a história da igreja cristã e o significado da fé cristã. Havia grande fome espiritual e profunda ansiedade em aceitar a Deus e o cristianismo. Que mudança!

Deus venceu o mal

Durante a década de setenta eu era uma criança cristã humilhada e escarnejada. Outras crianças queriam cuspir no meu rosto. Agora as pessoas encaram o cristianismo como a úni-

ca esperança para a restauração espiritual da nação, tendo perdido totalmente a confiança nos advogados do marxismo e do ateísmo.

É provável que algumas vezes cheguemos a pensar que não vale a pena firmarmos nos princípios de Deus. Podemos ser tentados a fazer o que é conveniente e confortável e encarar os valores e princípios de Deus como coisas tolas e fanáticas. Sim, pode até parecer que seja assim, às vezes, mas não vos deixeis enganar. Deus é o vencedor na batalha contra o mal. Para Ele não há nada impossível.

«E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos», diz o apóstolo Paulo (Gálatas 6:9). Não desanimemos de permanecer firmes a favor do bem na sociedade que nos cerca e na nossa vida pessoal. O diabo é capaz de levar-nos a uma situação tal que o nosso compromisso com Deus pareça sem valor. Mas não nos deixemos enganar.

Estou profundamente convencido de que famílias e instituições educacionais cristãs podem e devem criar os melhores líderes para todas as áreas da vida na nossa sociedade moderna. Os acontecimentos da história contemporânea mostram, com eloquência, que todos os falsos deuses, todos os falsos valores e teorias humanas de salvação desaparecerão finalmente, e a Verdade de Deus prevalecerá. De Deus não se zomba.

Michael Kulakov Jr. é director do Seminário Teológico Adventista de Zaoski, na Rússia; actualmente, faz curso de pós-graduação nos Estados Unidos.

Moimenta da Beira: Retiro Espiritual de Jovens

Nos passados dias 19, 20 e 21 de Fevereiro de 1993, juntaram-se num retiro espiritual de fim-de-semana, na casa do signatário, jovens de Viseu e de Moimenta da Beira. O objectivo deste retiro foi reforçar o contacto com Deus e a natureza, bem como a amizade e o convívio entre os jovens.

O Sábado de manhã foi passado na igreja de Sernancelhe, sendo distribuídas revistas e calendários à população. De tarde houve uma saída missionária para algumas localidades como Moimenta da Beira, Leomil e Castelo. Foram contadas algu-

mas experiências, seguindo-se um vivo debate sobre «O jovem e a Igreja».

O domingo de manhã esteve destinado à prática desportiva na bela barragem do Vilar, tendo havido provas de resistência, de velocidade, lançamento de peso e salto em comprimento.

Foi um fim de semana espiritual e desportivo, com um bom testemunho. Vamos tentar, com ajuda do Senhor, que haja mais e com mais jovens. Será assim até que o Senhor venha.

Eduardo Sancho

Igreja de Moimenta da Beira

Alvalade: Jornada Pró Educação Adventista e Reunião de Direcções da Escola Sabatina

Enquadrado no plano da educação, esteve entre nós no passado dia 6 de Fevereiro, o Dr. Victor Alves, do Departamento da Educação, que veio acompanhado pela esposa e filho.

Na hora do culto falou das realidades da educação em Portugal e em especial dos nossos colégios e da grande vantagem daqueles que podem usufruir de um ensino cristão, salientando que essa educação não será uma despesa mais, mas sim um investimento que se faz nos nossos filhos, perspectivando o futuro, não só intelectual ou profissional, mas, acima de tudo, espiritual.

Da parte da tarde houve uma reunião com pais e encarregados de educação, onde se voltou a falar da grande necessidade de uma escola que dê aos nossos filhos um ensino coerente com os princípios da igreja adventista. Falou-se também do colégio de

Lisboa e dos problemas inerentes à sua construção. Após esta união, houve uma outra com os alunos pré-universitários e universitários, onde se falou da revista *Diálogo* e de outros assuntos ligados ao ensino.

Também em Alvalade, a 14 de Fevereiro, teve lugar uma reunião para directores e monitores da Escola Sabatina da área da grande Lisboa, na qual o pastor José Carlos Costa, departamental dos Ministérios da Igreja na divisão Euro-Africana, veio incentivar a uma maior dinamização do programa e organização da Escola Sabatina, desde o cumprimento dos horários à forma como se passam as lições, especialmente nas igrejas com muitos membros, em que os monitores têm de elevar o tom de voz para se fazerem ouvir pelas últimas pessoas que compõem a classe.

Para se fugir a este ruído nas

igrejas, o pastor José Carlos Costa, seguindo directrizes da Conferência Geral, veio apresentar um plano que poderá, em princípio, diminuir o ruído que se faz na Escola Sabatina. Consiste simplesmente em reduzir para seis o número de membros em cada classe. Claro que esta solução implica um maior número de monitores e de espaço disponível nas igrejas, bem co-

mo outras alterações que têm a ver com o departamento da Escola Sabatina da União.

Foi uma reunião muito interessante de seguir, dada a experiência do pastor J. Carlos Costa ao serviço da obra na divisão, em que já visitou diversos países.

Rogério Costa

Relações Públicas da igreja de Alvalade

«Nascente de Esperança» Esteve em Vila Real

O programa de rádio «Nascente de Esperança», que este ano festeja 7 anos, esteve a apresentar o seu concurso aos jovens adventistas de Vila Real, «Ano de Ouro», no passado dia 6 de Março, em ambiente de grande confraternização cristã.

Durante alguns meses deste ano de 1993, tal como sucedeu em 1991 e 1992, os responsáveis deste projecto missionário estarão presentes em várias igrejas adventistas de Portugal, para apresentar o seu programa: «Olhar o passado, vislumbrando o futuro».

Em Vila Real, o «N.E.» recolheu algumas mensagens: «O Nascente de Esperança chegou a

V. Real em 6 de Março 1993, sete anos depois de nascer. Contudo, veio para vencer, porque veio repleto de vida, ânimo e esperança...» — *Pastor Mário Cabral*.

«Que Deus possa continuar a abençoar esta obra (N.E.) e que através dela muitos jovens, adultos e mesmo velhinhos, possam observar as maravilhas desta grande esperança.

«Coragem, usemos os dons de Deus para salvação de almas e que um dia, muito em breve, nos possamos encontrar no céu.» — *Rute Santos*

Álvaro Bastos

Responsável pelo «Nascente de Esperança»

Encontro de Obreiros Reformados

Realizou-se, de 19 a 21 de Março, em Monte Real, um encontro que reuniu cerca de vinte obreiros reformados. Num lugar agradável foi agradável o convívio de antigos colegas que chegaram ao momento de, pela idade ou por motivos de saúde, diminuírem a sua actividade. Creio que para todos não foi uma transição fácil, mas foi ou a necessária ou a imposta.

Foram responsáveis pelo encontro os pastores Ezequiel Quintino e esposa, Ir.ª Natividade Quintino.

A primeira reunião teve lugar na sexta-feira, depois do jantar, e esteve a cargo do pastor Quintino.

O Sábado de manhã foi passado na nova sala de Vieira de Leiria, onde foi possível confraternizar com os nossos irmãos

daquela igreja. O culto, a cargo do pastor Ezequiel, chamou a nossa atenção para os tempos que estamos vivendo e que nos alertam para vinda de Jesus. Através de muitos sinais e acontecimentos, a nossa atenção é chamada, por vezes involuntariamente, para esse climax da história do mundo.

Depois do almoço, o programa esteve a cargo da Ir.^a Natividade, o que aconteceu também durante o dia de domingo.

A sua preocupação foi alertar-nos para as várias situações, de ocupação do tempo, dos cuidados de saúde e das oportunidades que constituem ainda um desafio à terceira idade, como a necessidade de uma ocupação que não cave um fosso entre o que fazíamos e o que agora «não fazemos».

Há muitos meios de tornar as nossas vidas úteis, na família, na igreja e noutras actividades. No aspecto da saúde há que ter cuidados específicos que abrangem a área da delimitação, pois se há situações que não sabemos prever ou remediar, há outras

que bem podem ser melhoradas com cuidados gerais ou específicos. A igreja pode ser um centro de interesse que ocupará muito do nosso tempo.

Alguns dos assuntos foram ainda objecto de discussão entre os presentes, reunidos em dois grupos.

Lastimámos a ausência de alguns colegas, que não estiveram connosco.

O pastor J. Dias, de passagem, vindo do Norte, esteve connosco alguns momentos, reforçando algumas informações já prestadas pelo pastor Ezequiel sobre os problemas que têm ligado a igreja adventista a um grupo terrorista na América do Norte, e lançando igualmente um apelo para a continuação das actividades da igreja por parte de todos.

Apreciámos o esforço feito pelos responsáveis para tornar a nossa estadia agradável e esperamos que no futuro outros mais respondam aos convites que forem enviados.

J. Morgado

Aguardando a Ressurreição

Francisco Figueiredo Luz

Ainda o sol não tinha despontado naquela manhã do dia 20 de Fevereiro quando o telefone tocou e fomos informados de que poucas horas antes tinha falecido no Hospital de St.^a Maria, em Lisboa, o irmão Luz, vitimado por uma embolia cerebral. A partir de então a notícia correu célere, surpreendendo todos os membros da igreja e família do irmão Francisco Luz, nascido no dia 27 de Maio de 1919, em Riachos, Torres Novas.

No ano de 1946, já casado e com dois filhos, partiu para Angola, onde nasceu o terceiro filho, hoje a viver no Brasil; o fi-

lho mais velho reside em Mirandela; a filha, professora Maria José, que já trabalhou na nossa Escola, reside em Lisboa. Fixou-se na bela cidade do Lobito, onde conheceu a mensagem e foi baptizado pelo pastor Juvenal Gomes em 10 de Julho de 1973, acontecimento que a sua esposa não teve o privilégio de assistir, pois havia falecido no ano anterior.

Como tantos que viviam em Angola, em 1975 foi forçado a regressar a Portugal, onde começou a frequentar a igreja de Alvalade, na qual veio a conhecer a irmã Almerinda Gomes, com quem se casaria em 1976. Autodidacta de personalidade forte, não rejeitava as responsa-

bilidades quando estas lhe eram atribuídas, chegando por isso a chefe dos Serviços Camarários do Lobito, e mais tarde, na igreja de Alvalade, além de ancião e zelador da igreja, foi também o seu tesoureiro.

Desportista e columbófilo, recentemente dedicava-se a escrever poesia, onde expressava o amor e a esperança na mensagem que vivia, como o poema que se segue:

«Nas nuvens virá Jesus
com poder e grande glória,
Aos remidos levará
Como símbolo de vitória.

Do pó se levantarão
todos os santos do Senhor,
e em coro cantarão
hinos em seu louvor.

Com Cristo irão todos,
cego, coxo e aleijado,
mas isto só é possível
se o eu for rejeitado.

Glória! Aleluia!
Deus dirá, está feito.
Glória! Aleluia!
O dia do Senhor está perto.»

O serviço fúnebre foi dirigido pelo pastor A. Nunes, o grupo Génesis interpretou dois hinos e as orações foram feitas pelos pastores A. Lopes e J. Gomes. Estiveram presentes, além de muitos membros da igreja de Alvalade, os pastores J. Sabino e M. Ferro, o Dr. Daniel Esteves, muitos amigos e familiares.

À família enlutada, e em especial à irmã Almerinda, à Maria José, à Carla, ao amigo José e restante família, aqui em Portugal e no Brasil, apresentamos sentidas condolências. Que a esperança da ressurreição nos anime até ao dia da vinda de Jesus.

Rogério costa

Relações Públicas da Igreja
de Alvalade

ADRA coordena auxílio a refugiados Adventistas na Bósnia

Foi feito um apelo pela Divisão Trans-Europeia, em que este território está inserido, para se ajudarem os adventistas da Bósnia-Herzegovina, vítimas da guerra que ali se trava.

Calcula-se que entre os refugiados haja cerca de 350 a 400 membros da Igreja Adventista. Muitos fugiram da Sérvia ou da Croácia ou foram desalojados no seu próprio país. Não têm tecto, nem pão, nem roupas. Como se sabe, tem sido extremamente difícil fazer chegar-lhes qualquer auxílio.

A ADRA, a organização internacional adventista de auxílio, já conseguiu enviar algum auxílio, avaliado em mais de 300 mil contos, que distribuiu não só a crentes adventistas, mas também a outras vítimas da guerra, sem olhar à raça, religião ou filiação política. Mas a nossa preocupação centra-se, como é natural, nos nossos irmãos e irmãs que passam por tão grandes provações.

Nina Martinez
ADRA Internacional

Baptismos na Divisão Sul-Americana

Segundo o pastor João Wolff, seu presidente o quadro de baptisms nesta Divisão tem sido o seguinte:

1989 — 94.884;
1990 — 98.693;
1991 — 109.827;
1992 — 114.044.

Canadá, distrito pastoral de fala portuguesa e brasileira: Retrospectiva 1992

Pela primeira vez na história adventista de fala portuguesa em Toronto, Canadá, contamos com uma igreja vibrante «lusobrasileira» e duas animadas igrejas «portuguesas». A igreja-mãe encontra-se no centro da cidade de Toronto. E a igreja lusobrasileira no distrito denominado High Park, e uma outra igreja portuguesa fica na cidade vizinha, denominada Brampton. A maioria das congregações é composta por adventistas de primeira-geração, resultado directo do «pioneirismo» do pastor Henry Feyerabend e família Botelho, na década dos anos 70.

Pioneirismo é a característica dessas igrejas que avançam em país estrangeiro. O Canadá é rico e capitalista..., mas pobre e carente do Pão da Vida, Jesus.

1992 teve avanços positivos, foi um ano coroado de vitórias espirituais que ampliaram o campo de penetração da Mensagem nos diversos segmentos da Comunidade lusobrasileira.

Manuel Falcão Pereira é o nosso «RP» (Relações Públicas). Ele trabalha na TV Canal 47. Rádio, jornais e TV publicam regularmente os eventos das igrejas.

O alvo destas igrejas é alcançar os 400.000 imigrantes de fala portuguesa. Para tanto, as mais diversas actividades são direccionadas nesse sentido.

O Dr. Daniel Esteves, departamental de Saúde e Temperança da União Portuguesa, veio como médico-missionário e realizou 3 cursos «Como Deixar de Fumar» e «Seminários sobre Lar e Saúde». Os resultados foram positivos.

A professora Ivelise O. Bravo, esposa do nosso pastor, realizou cursos, palestras e entrevistas na área educacional, vocacional e familiar (choque de culturas).

No campo da Missão Global, destacamos a participação das igrejas na área social; o pastor Daniel Pereira dos Santos, departamental da Associação Paulista Central, visitou-nos e apresentou o projecto «Adopte Uma Criança Abandonada»; as igrejas responderam positivamente. Numa entrevista ao Canal 47 de TV, ele falou sobre o problema do menor abandonado no Brasil. Projectado em horário nobre, o programa causou um tremendo impacto.

O novo IAE (Instituto Adventista de Educação) também foi lembrado na passagem rápida do Dr. Eliseu Mensugusso. Ele foi surpreendido com uma oferta liberal e espontânea da igreja lusobrasileira. Aqui também acreditamos e apoiamos a Educação Cristã.

Aproveitando as festividades do final de ano, um dos «Shopping Centers» frequentado em sua maioria por portugueses foi palco de um «Concerto Natalício-Evangelístico» pelo Coral da igreja portuguesa, com apoio de alguns membros das igrejas do distrito, e do Grupo Novo Canto, da igreja lusobrasileira. O Grande Coral e a programação foram dirigidos pela hábil e talentosa direcção musical de Ivelise O. Bravo. Esse foi um acontecimento inédito na comunidade.

No âmbito espiritual, o pastor Nilo Valença, brasileiro que trabalha no Atlantic Union College em Massachusetts, apresentou uma vibrante Semana de Oração, repleta de experiências e bênçãos para os praticantes.

Todas as programações do ano visavam «ganhar novos crentes e conservar» solidamente a igreja. Coroaram as actividades do ano seis cerimónias baptismais, sendo 37 as almas ganhas para o Reino. Um suces-

so para o padrão canadense, onde é muito difícil ver grandes números de baptismos. Tudo isso foi possível pelas bênçãos e misericórdia do Grande Deus!

Este lado do mundo é caracterizado pelo materialismo que ofusca as mais profundas necessidades espirituais. Contrastam nesse sentido homens e mulheres, «obreiros» dedicados e prontos a responder ao chamado do Mestre. Neste árduo trabalho, louvamos a Deus e admiramos a «dedicação» do pastor Benito Raymundo, que, com a sua experiência internacional e identificação e trabalho com as igrejas que ele viu nascer e crescer, nos apiou até ao último dia, trabalhando incessantemente conosco, até voltar definitivamente ao Brasil. Veio para nos apoiar, no lugar deixado pelo pastor Benito, o pastor e médico-missionário Pedro Pinheiro, que desde o último trimestre de 1992 realiza uma obra positiva nas igrejas. À frente dos trabalhos está o pastor Davi Bravo e a sua esposa Ivelise; também faz parte da equipa Tracy Botelho

Bravo, uma das fundadoras e «pioneira» na Causa portuguesa, não apenas nesta província de Ontário, mas também no Canadá. Hoje ela é a nossa instrutora bíblica e desempenha uma obra pastoral semelhante à que realiza a esposa do pastor. Todos esses «obreiros» são líderes que muito têm dado de si, não só no preparo espiritual, mas também social, onde actuam como conselheiros, intérpretes, psicólogos, educadores e médicos, perfazendo exemplos vivos daqueles que vivem uma vida de desprendimento em prol da Causa de Deus nesta terra.

Neste instante, ao concluir estas nótuas, o Canadá promulgou a lei de «NÃO FUMAR EM LUGARES PÚBLICOS». Os pastores Pinheiro e Bravo foram entrevistados em horário nobre na TV, expondo o estilo de vida adventista. Isto também causou comentários positivos a favor da Verdade.

Paulo Pinheiro

Departamento de Relações Públicas da Igreja Portuguesa de Toronto - Canadá

Programa de Alimentação no Malawi

A ADRA está activa no Malawi, levando efeito um programa de alimentação em favor das vítimas da grande seca que ali se faz sentir. Segundo relatórios recebidos de Max Church, director da ADRA no Malawi, 400.000 pessoas recebem auxílio alimentar mensalmente.

Já em 1992 o país sofreu elevadas temperaturas e não teve nenhuma chuva. Há milhões de vidas ameaçadas na África oriental. O Malawi é uma das regiões mais afectadas. Em certas áreas, as colheitas perderam-se em 100%. O que implica em que haja gente a morrer de fome e que muitas pessoas sofram, temporária ou permanentemente, grandes danos na sua saúde.

No Malawi, como noutros lugares, a ADRA está trabalhando com outras instituições humanitárias para levar um pouco de auxílio às populações. A organização U. S. Agency for International Development fornece o milho; a World Food Program transporta-o da África do Sul para armazéns no Malawi; e a ADRA leva-o às populações e procede à sua distribuição a partir de 60 pontos de distribuição. Cada pessoa recebe cerca de 10 quilos de milho por mês, o que, apesar de tudo, é manifestamente insuficiente e constitui apenas um auxílio de emergência.

Nina Martinez

ADRA Internacional

SEMINÁRIOS

Seminário Maranata

6-14 de Agosto 1993

Ponta Delgada, Açores

Promoção e organização: Pr. J. Casaquinha
Participação especial: Pr. Samuel Monnier, da
Conferência Geral

CURSOS

Curso de Formação Permanente Para Membros de Igreja

(antigo Curso de Doutrinas)

1-15 de Agosto 1993

Colégio de Oliveira do Douro

Responsabilidade: Pr. Ernesto Ferreira e
Pr. Manuel Cordeiro

Curso de Monitores de Nutrição

19-29 de Agosto de 1993

Colégio de Oliveira do Douro

Organização e responsabilidade: Ir.^a Natividade Quintino
Responsabilidade do programa: Dr.^a Eunice Dias
Patrocínio da Associação de Esposas de Pastores

Curso de Iniciação À Colportagem Para Estudantes

5-9 de Julho 1993

Local a anunciar

Responsabilidade: Ir. Domingos Freixo

PROGRAMA AO VIVO

Voz da Esperança

19 de Junho 1993

Auditório Nacional Carlos Alberto — Porto

Responsabilidade: Pr. Ezequiel Quintino

PROJECTOS

Projecto 70

30 de Julho a 8 de Agosto 1993

S. Jorge, Açores

Responsabilidade: Pr. António Amorin e Pr. Jorge Machado

Projecto Aliança

12-31 de Agosto 1993

Funchal, ilha da Madeira

Responsabilidade: Ir. Júlio Carlos Santos (director do Grupo)
e Pr. Carlos Cordeiro (pastor distrital)

ACAMPAMENTOS

Acampamentos Nacionais na Costa de Lavos

Tiçães: 21-28 de Julho 1993

Desbravadores: 29 de Julho a 8 de Agosto 1993

Jovens: 22-31 de Agosto 1993

Dirigentes: 18-22 de Agosto 1993

Famílias: 8-18 de Agosto 1993

Acampamento Regional TDC - Açores

21-28 de Julho 1993

Ilha Terceira

Direcção e organização: Pr. Jorge Machado

Responsabilidade espiritual: Pr. Rogério Nóbrega

CONGRESSOS

Congresso Nacional de Jovens

10-13 de Junho 1993

Lisboa

Responsabilidade: Pr. Rogério Nóbrega

Participação especial: Pr. Israel Leito, da Conferência Geral

Camporee 1993

16 a 25 de Julho 1993

Itália

«Nas Pegadas dos Valdenses»

Responsabilidade: Pr. Rogério Nóbrega